



ÉTICA PROTESTANTE FACE A CORRUPÇÃO EM ANGOLA

THE ROLE OF PROTESTANT ETHICS IN ADDRESSING CORRUPTION IN ANGOLA

Afonso Teca¹

Introdução

Até década de setenta, fim do colonialismo em Angola, a palavra corrupção era quase desconhecida na nossa sociedade, embora existia no dicionário da língua portuguesa. Era jovem estudante mas guardo com saudades a ética que reinava na administração colonial e mesmo no período do socialismo em Angola em que imperava a ideologia de um salário justo por um dia do trabalho justo (Marxists Internet Archive <https://www.marxists.org>). No blog belasfrases.com.br encontrei essa bela frase de Marques de Marica dizendo: “Trabalho honesto produz riqueza honrada. Viver feliz não é mais do que viver com honestidade e rectidão. A corrupção é a falta de honestidade do corruptor e do corrupto que sem ética prejudicam toda uma sociedade em benefício próprio”.

Neste artigo estamos a tratar da questão da ética no entender dos evangélicos (protestantes) face ao fenómeno corrupção que enferma as nações no seu todo e a Angola em particular. Então, qual é o pensamento evangélico sobre esse assunto? Esta é a pergunta chave que vai guiar a nossa discussão.

1. Ética e Corrupção

Estamos a retomar um tema que já foi discutido por muitos e em especial por Draiton de Souza, decano da Escola de Humanidades, na Revista PUCRS, Editada pela Assessoria de Comunicação e Marketing da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017.

É claro, quando assunto tem uma dimensão mundial e com manifestações contextuais, então, é óbvio que tenha tratamentos diferenciados consoante a realidade de cada país. No entanto, já sabemos que a ética é aquela ciência que tem por objectivo os actos morais produzidos pela vivência prática dos valores determinados em um grupo

¹ E-mail: afteca201@gmail.com. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Teologia da Universidade Metodista de Angola, Luanda e da Universidade Agostinho Neto, Faculdade de Humanidades

social em um tempo e espaço. Ainda me lembro que enquanto professor da ética cristã, no Seminário Emmanuel Unido, Huambo, entre 1987-1991, discutia com os meus estudantes a questão da moralidade da acção humana. Na acção humana encontramos sempre envolvidos os seguintes elementos: agente, intenção, motivo, vontade, projecto, deliberação e decisão. Deste modo, acção humana divide-se em actos do homem e actos humanos.

1. Actos do homem: Pertencem a este grupo, todos aqueles actos realizados pelos seres humanos consciente ou inconscientemente; voluntários ou não.
2. Actos humanos: Estão aqui arrolados aqueles actos em que o ser humano é plenamente senhor. Eles implicam a consciência e a liberdade. Essas são as acções humanas propriamente ditas. Quando são bons o homem colhe louvores, mas quando são maus, o homem recebe repúdio e condenação.

Agora, a questão que nos foi sempre colocada é: E que tal dos actos do ébrio? Vamos responder já, mas vamos prestar a atenção no seguinte: O homem é livre, mas a liberdade faz do homem, um sujeito moral. Quando actua de maneira deliberada, o homem torna-se inequivocamente responsável pelos seus actos. Então, os actos livremente realizados pelo homem após um juízo de consciência, são moralmente qualificados bons ou maus, mas nunca indiferentes. Queremos dizer que os actos humanos são aqueles em que concorrem simultaneamente a vontade e a inteligência ou a razão. Todavia, a bondade ou maldade de um acto humano depende do objecto eleito, da intenção ou fim que se busca e das circunstâncias da acção. Lembro-me das palavras de Jesus aos seus discípulos em Mateus 15,11.18: “O que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca, fora, mas o que sai da boca, procede do coração e isso contamina o homem”.

Porém, não são actos éticos aqueles produzidos por dementes e ébrios que agem de forma inconsciente e descontrolada. Mas na cultura bantu os actos de um bêbado são rigorosamente avaliados dando-lhes o devido tratamento. Quem ofende o seu sogro quando está bêbado é por que já vinha planificando isso a bastante tempo. No entanto será classificado como um acto premeditado e consequentemente mercador de uma severa sanção.

3. Entendendo a Corrupção

Consultando alguns dicionários seculares, tanto físicos quanto online, o conteúdo semântico do termo corrupção pode ser descrito da seguinte maneira: Etimologicamente, a palavra corrupção algo. Por outras palavras, corrupção é o efeito ou acto de corromper alguém ou algo, com a finalidade de obter vantagens em relação aos outros por meios considerados ilegais ou ilícitos. De forma mais simplificada, a corrupção pode igualmente ser entendida como acção de corromper, o resultado de subornar, dando dinheiro ou presentes para alguém em troca de benefícios especiais de interesse próprio. Enfim, a

corrupção deve ser entendida como o acto de solicitar ou receber alguma vantagem indevida, levar vantagem em tudo, não importando o meio para se alcançar o que se almeja. Entretanto, tanto o corrupto como o corruptor praticam algo ilícito, passível de honestamente (*honeste vivere*), não lesar ninguém (*neminem laedere*), dar a cada um o que lhe pertence (*suum cuique tribuere*).

3.1. Do Ponto de Vista Jurídico

Do ponto de vista jurídico, a corrupção é uma via injusta e ilegal de se conseguir algo, sendo considerada grave crime em alguns países. Normalmente, a prática da corrupção está relacionada com a baixa instrução política da sociedade, que muitas vezes compactua com os sistemas corruptos. Nisso, a Bíblia é suficientemente clara: O meu povo perece por falta de conhecimento (Os 4,6). Sob o ponto de vista legal, há a previsão de uma série de sanções para os casos da conduta corrupta.

Actualmente, Angola já conta uma legislação. Nesse sentido, um primeiro passo já foi dado com a ratificação, publicada em Diário da República a 26 de Março de 2018, por João Lourenço da Convenção da União Africana sobre a Prevenção e o Combate à Corrupção. Agora, Angola aceita em pleno no seu ordenamento jurídico esta norma internacional que, entre outros, obriga os Estados a tomar medidas legislativas contra o enriquecimento ilícito (artigo 8.º), à confiscação e penhora dos proventos e meios da corrupção (artigo 16.º) e à cooperação internacional nas matérias de corrupção e branqueamento de capitais (artigo 20.º). É um instrumento interafricano que permite um real combate à corrupção.

O efeito desta lei tem sido visto com a actuação do PGR que hodierno tem levado a cabo um combate efectivo contra a corrupção que já levou à instauração de vários processos-crime, tais como transferência ilegal de 500 milhões de USD; burla tailandesa; Fundo Soberano; Conselho Nacional dos Carregadores, que originaram a prisão preventiva ou domiciliar de pessoas politicamente expostas: José Filomeno dos Santos (Zenú), Jean-Claude Bastos de Moraes, Augusto Tomás, Walter Filipe, Norberto Garcia.

Fala-se ainda de vários outros processos que estão sendo lavrados nos tribunais contra várias figuras políticas e gestores que saquearam o país. O povo aguarda com expectativa.

3.2. Do Ponto de Vista Ético

A corrupção encontra na ética a sua balança. Na frase escrita na parede aparece a palavra Mene duas vezes. ... Finalmente, Daniel interpretou a frase da seguinte maneira: Mene: "Deus contou os dias do teu reino e o fez chegar ao fim." Tequel: "O rei foi pesado na balança e achado em falta" (ou deficiente) (Daniel 5:25-30). Sabemos que a ética é, antes de tudo, uma área da Filosofia que se ocupa do estudo das normas, princípios que devem reger a conduta humana, seu modo de agir e de ser. Os corruptos e corruptores estão achados em falta grave pela ética.

Do ponto de vista ético, a corrupção é o resultado da violação de elementos morais

basilares que possibilitam a nossa convivência em sociedade. A corrupção é um acto imoral consciente realizado por alguém em benefício próprio, da sua família ou de seu amigo prejudicando a maioria. Apropriar-se ilicitamente aquilo que era de todos é um acto reprovado pela moral uma vez que se tem a ideia de certo/errado e bem/mal em detrimento dos ensinamentos na formação pessoal, principalmente pelos pais e a escola. Assim, uma criança compreende e discerne as situações através de noções pré-impostas por outras pessoas de seu vínculo e, mais tarde, embasa-se na racionalidade da ética, por exemplo, através de leis e códigos de conduta.

3.3. Do ponto de Vista da Ética Profissional

Na altura da realização do XX seminário interinstitucional de ensino, pesquisa e extensão, um grupo composto por cinco académicos de UNICRUZ apresentou o seguinte tema: “Princípios éticos e a corrupção do ponto de vista profissional”. Vamos explorar esta bela reflexão que no fundo cabe para todos os contextos onde a corrupção rói instituições e governos, caso de Angola.

Logo na introdução, os prelectores afirmam que,

A moral é o início da ética, uma vez que se tem a ideia de certo/errado e bem/mal em detrimento dos ensinamentos na formação pessoal, principalmente pelos pais e a escola. Assim, uma criança compreende e discerne as situações através de noções pré-impostas por outras pessoas de seu vínculo e, mais tarde, embasa-se na racionalidade da ética, por exemplo, através de leis e códigos de conduta.

Quando observamos o que ocorre no nosso país, a questão que nos colocamos é de saber se, na verdade, os nossos profissionais aprenderam a ética profissional ou não. E se aprenderam na, o que fazem dela?

Actualmente, Angola tem sofrido fortes críticas e inúmeros abalos pelas organizações internacionais, nomeadamente pela Organização não governamental Transparência Internacional, relativos a ética profissional e a corrupção, principalmente em ordem política, colocando o país em índices alarmantes quanto aos desvios e a má gestão do dinheiro público, ocasionando graves déficits em educação, saúde e segurança. Cecchetto et al (2015, p. 3) defendem e com razão, que a corrupção sempre individualiza o ganho, assim, enquanto poucos recebem, a maioria da população sofre as consequências e o prejuízo pelas atitudes que não cometeu. A ética profissional e a corrupção estão diretamente ligadas por serem completamente opostas, uma vez que ao se apresentar atitudes éticas não existe espaço para corrupção e vice-versa. Cada ser humano introduz os valores obtidos no seio familiar em seu meio de trabalho, somado a isso estão os códigos de ética de cada profissão, bem como, as leis vigentes que podem entrar em conflito com suas ideias particulares ou reforçá-las de forma positiva ou negativa.

Portanto, a ética quando trabalhada desde a infância, advinda de trocas familiares, resulta na base dos princípios de discernimento ético pertencentes a cada cidadão. Dessa forma, é provável que não se faça necessária a reeducação durante a formação académica e profissional, sendo mais difícil essa transformação comparada a uma pessoa regida desde pequena com conduta regrada e rica em valores moralistas, havendo um melhor desempenho do seu carácter para a futura actuação profissional. Para um profissional responsável, a corrupção apenas proporciona malefícios na sua profissão de forma que pode destruir a sua dignidade, a sua impressão diante da sociedade, dos seus cliente e assim comprometer o seu futuro.²

Finalmente, a questão fundamental é falar da ética no trabalho cujos princípios superam a corrupção. O profissional deve cuidar da ética conforme afirma o filósofo brasileiro Mário Sérgio Cartella que é necessário cuidar da ética para não anestesiar a nossa consciência e começarmos a achar que tudo é normal. Na verdade, no nosso país, até a chegada de João Lourenço ao poder, ninguém cuidou da ética! Nestes últimos anos, cinicamente não houve este cuidado, visto que a crise económica estava associada, não somente pela baixa do preço do barril do petróleo, mas principalmente pela má gestão dos profissionais do topo à base, o que revelou uma enorme crise moral. Faltaram aos gestores públicos os ingredientes da ética profissional que são: responsabilidade, integridade, rectidão, meritocracia, congruência, respeito pelo trabalho dos outros, equidade, capacidade de reconhecer os próprios erros, só para mencionar estes.

Assim sendo, a minha preocupação não consiste em julgar esse ou aquele profissional por seus erros, pois esse é o papel da justiça e em especial da Procuradora Geral da República. Minha intenção é trazer uma reflexão sobre estes tipos de comportamentos que lamentavelmente, estão cada vez mais recorrentes. Ora, vamos reflectir juntos nestas questões:

1. Será que o país seria o que é hoje, se estas pessoas tivessem pautado suas acções pela ética e pela moral?
2. Não acredita que se estas pessoas tivessem escolhido fazer diferente do que fizeram, o país não estaria melhor hoje?

Na verdade, eu acredito que sim! Por isso, não é por acaso que o tema deste artigo é, ética protestante face a corrupção em Angola, pois todos nós, independente do cargo que temos numa empresa, temos que continuamente buscar defender valores que sejam positivos e congruentes. Quando agimos assim, alimentamos uma corrente do bem que pode inspirar mais e mais pessoas a agirem de forma honesta e baseada em bons valores e preceitos.

Infelizmente, observamos que quando alguém é nomeado para uma função de relevo no aparelho do estado organiza uma festa porque acho uma soberana oportunidade para enriquecerse facilmente. O desenvolvimento do país e o bem estar de

² Cf. <https://brainly.com.br/tarefa/24913321#readmore>.

todos nunca estiveram na introdução da sua agenda de serviço. O primeiro é ele, o segundo é ele e o terceiro é também ele mesmo. O povo fica esquecido.

3.4 Do Ponto de Vista Político

A corrupção na política pode estar presente em todos os poderes do governo, como o Legislativo, Judiciário e Executivo. No entanto, a corrupção não existe apenas na política, mas também nas relações sociais humanas, como o trabalho, por exemplo. Em suma, a corrupção pode ser definida como utilização do poder ou autoridade para conseguir obter vantagens e fazer uso do dinheiro público para o seu próprio interesse, de um integrante da família ou amigo. Isso significa que a corrupção favorece alguém prejudicando os outros de forma injusta. Toda sociedade corrupta sacrifica a camada pobre, que depende puramente dos serviços públicos, mas fica difícil suprir todas as necessidades sociais (infraestrutura, saúde, educação, previdência, etc.) se os recursos são divididos com a área natural de atendimento público e com os traficantes de influência (os corruptos). Geralmente, os corruptos acabam por ficar com a maior fatia de recursos financeiros alocados para um determinado serviço de qualidade. Pelo tráfego da influência, os corruptos subtraíam somas avultadas dos cofres do estado sem contrapartida. Fazem investimentos para explorarem ainda mais os pobres, legítimos donos dos dinheiros por eles desviados.

No meu entendimento, tanto em grego (*exousia*) quanto em latim (*auctoritate* ou *auctoritas*) é o poder conferido a alguém para fazer crescer no bom sentido. O pai usa a autoridade para o bem-estar da sua família. O político deve usar a autoridade que lhe é conferida para fazer crescer o seu povo. Quando alguém usa a autoridade para fazer prevalecer os seus interesses, então, torna-se autoritarismo. O autoritarismo é uma patologia em psicologia, pois, o chefe autoritário retira dos seus súbditos a liberdade de agir, de opinar e de contrariá-lo quando estiver errado temendo que sejam penalizados. Infelizmente muitos políticos são mais autoritários do que autoridades. Usam a autoridade de forma negativa para servirem-se à vontade prejudicando a maioria que sofre e pobre.

4. Breve Descrição da Corrupção em Angola

No princípio deste artigo, eu afirmei que a palavra corrupção se tornou popular depois do fim do socialismo em Angola. Antes disso tudo era um salário justo para uma jornada de trabalho justa de Friederich Engels (Marxists Internet Archive <https://www.marxists.org>). Aliás, as palavras de ordem revolucionária que nos foram incutidas a recitar eram: abaixo o capitalismo, abaixo a burguesia e outros abaixoas que indiciavam a promoção de uma sociedade justa, guiada por princípios morais e éticos que iriam manter o país purificado de alguns males que noutras latitudes deste universo estrangularam as economias e criaram ricos e empresários injustos, desleais e impiedosos que lapidavam as economias, desviam fundos do estado e simulavam falsos contratos

prejudicando toda a população. Infelizmente, não nos apercebemos que estavam entre nós falsos profetas, falsos pastores vestidos da pele do cordeiro quando eram lobos devoradores. Hoje são conhecidos de Marimbondos.

São várias as vozes que falam da corrupção em Angola. Cada um a seu jeito, Evidentemente, o consenso é que Angola consta na lista dos países mais corruptos do mundo e com menor índice do desenvolvimento humano, e como disse um dos nossos economistas, com maior, mas falso crescimento económico do mundo. No entanto, a corrupção em Angola é um fenómeno que impede e perturba o crescimento económico nacional e que bloqueia o correcto funcionamento interno. Entretanto, a organização não governamental Transparência Internacional trouxe boas notícias para Angola no seu último relatório. Ela atribuiu 26 pontos a Angola, face aos 19 pontos de 2018, o que permitiu uma subida para 146º lugar no ranking, do 165º no relatório anterior. Esta é uma boa notícia se tivermos em conta as quatro décadas do poder autoritário do antigo presidente. Resumindo, estamos no bom caminho. Significa que, longe de lançar foguetes, deve haver mais sentido de responsabilidade na gestão da coisa pública.

Se por um lado as notícias são animadoras, por outro, internamente o sofrimento aumenta cada dia que passa. O índice da pobreza é cada vez mais crescente a olhos nus. Tudo porque os marimbondos lapidaram a economia e o petróleo já não é ouro no mercado internacional. Mesmo havendo a boa vontade do novo presidente para melhorar a condição da vida deste povo sofredor, parece-nos que hoje em dia o corrigir o que está mal e melhorar o que está bem, já não está caber na cabeça dos angolanos. Os efeitos do marimbondismo são graves: fome, falta de água potável, falta de luz, falta de saneamento básico, várias enfermidades dizimam a população face ao mal atendimento médico e medicamentoso nos hospitais. Agora, para a maior desgraça nossa, nos foi despejado um balde de água gelada que está agonizando todo o universo: o Coronavírus Covid-19. A economia vai afundar-se mais.

Que diremos? Se com a febre-amarela não houve capacidade suficiente para conter o surto, será que o governo está realmente preparado para fazer face a esta pandemia? Face a todas essas diversidades surge na nossa mente aquela afirmação de Jesus em Mateus 9, 17 que diz: “Nem se põe vinho novo em odres velhos; se o fizer, os odres rebentarão, o vinho derramará e os odres se estragarão. Mas, põe-se vinho novo em odres novos, e assim ambos ficam.” Sim, muita gente se questiona assim: Como podemos combater ou corrigir o erro com o errante adiante? Como lutar contra a corrupção se os corruptos continuam no poder? Assim, corrigir o que está mal e melhorar o que está bem, não deixa de ser uma bela canção de diversão. Na verdade, o que temos vivido é que, sempre que se faz uma remodelação governamental, as pessoas ficam atentas para saberem se há novidades.

E as novidades seriam trazer no governo novos rostos. Quando o povo observa que apenas se trata de uma dança de cadeiras, o desespero aumenta. O Suspiro é: São os mesmos! Isto significa que nada vai mudar. Por outro lado, o que quer dizer Mateus 9,17? “E ninguém, depois de beber vinho velho, deseja vinho novo; porque diz: o velho é

melhor”. O reino de Deus que Jesus Cristo veio instaurar requer de nós uma nova roupagem no pensar, no falar e no agir. Diante de Deus todos os nossos actos terão o valor proporcional ao que o nosso coração lhes confere. Termina esta secção com o versículo de Eclesiastes 10,5 que diz: “Ainda há um mal que vi debaixo de sol, como o erro que procede do governador”.

5. A Ética Protestante do Trabalho

Contrariamente ao espírito capitalista do Catolicismo Romano anterior à Reforma Protestante do século 16, os Reformadores procuraram forjar uma nova teologia e ética libertando a igreja de vários vícios que a infirmavam dentre as quais a corrupção. Em suma, a reforma assentou-se nos princípios teológicos e humanistas. Os diferentes reformadores e seus seguidores deram importantes contribuições nas áreas de teologia, filosofia, política, sociologia, educação e ética.

Na Filosofia, ética é uma matéria de reflexão profunda há mais de vinte e cinco séculos. Filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles fizeram profundas reflexões sobre temas éticos buscando moldar uma sociedade moralmente justa. O termo a ética protestante, cunhado por Max Weber em 1904, a ética protestante, a ética calvinista do trabalho ou ética puritana do trabalho, é um conceito que encontramos na teologia, sociologia, economia e história que enfatiza o trabalho árduo, a disciplina e a frugalidade como resultado de uma subscrição da pessoa para os valores expostos pela ética protestante, particularmente o Calvinismo. Resumindo, podemos afirmar que países desenvolvidos, como por exemplo, a Suécia, a Inglaterra, a Suíça, a Dinamarca, os Estados Unidos, a Finlândia, a Alemanha, a Noruega, a Islândia, a Nova Zelândia, ou a Austrália, cujo percentual populacional de cristãos protestantes é respectivamente de 87%, 59%, 40%, 89%, 57%, 85%, 43%, 88%, 94%, 41%, 44%, possuem menor índice de criminalidade, bem como corrupção. São países com maior influência protestante.³

Vale ressaltar que a maioria dos governantes desses países possui orientação cristã e por este facto, grande parte de suas leis e costumes baseiam-se nas Sagradas Escrituras. O resultado deste apego aos princípios éticos bíblicos trouxe-lhes resultados animadores que hoje se orgulham e nós cobiçamos querendo ser como eles. São pequenos paraísos na terra apresentando um elevado Índice de Desenvolvimento Humano. Isso demonstra que os valores bíblicos absolutos são eficientes para corrigir as possíveis causas da crise ética pela qual passa a Angola rumo ao verdadeiro desenvolvimento.

Nesse sentido, Jesus Cristo ensinou que a qualidade de uma árvore se avalia pela qualidade do seu fruto: se o fruto é bom, a árvore é boa, mas se o fruto é mal, a árvore também é má (Lc 6,43-44). Dessa forma, pode-se afirmar que as experiências dos Estados retro referidos recomendam a adopção de valores ético-cristãos aplicados ao âmbito profissional. Nesse contexto moral, o cristão tem o direito de desempenhar livremente a

³ Cf. <http://www.arcos.org.br/autor/antoniony-de-aquino-cortes>.

sua consciência, acolhendo como autoridade os princípios espirituais e morais contidos e fundamentados em Deus. Cabe ressaltar que toda obediência consciente e espontânea não é escravidão: é um acto autónomo e livre.

Outra característica importante é que na ética cristã a pessoa não fundamenta suas decisões apenas em sua própria consciência, mas também na direcção do Espírito Santo. Como diz a Bíblia: “Quando vier, porém, o Espírito da Verdade, ele vos guiará a toda a verdade...” (Jo 16,13). E o apóstolo Tiago aconselha-nos: “E ainda se lhe faltar sabedoria poderá pedir a Deus, que lhe dará liberalmente” (Tg 1,5).

Finalmente, importa frisar que se os preceitos éticos profissionais serem deixados a escolha de cada indivíduo é muito perigoso. Se os códigos de conduta de cada profissão são instrumentos obrigatórios para os gestores gerirem de forma responsável as empresas públicas do estado e não deixa ao bel-prazer do indivíduo apropriar-se daquilo que não é seu, a ética cristã tem mais força para o tal exercício. Ela normaliza as condutas correctas a serem seguidas e não deixa que as condutas correctas sejam definidas por cada indivíduo.

Assim como ocorre na ética profissional, que estabelece códigos de ética formal, a ética cristã estabelece seu código moral enraizado nas Sagradas Escrituras. Assim, a ética cristã é divina e o seu autor é Deus. É Deus que lavrou o decálogo para determinar como o seu povo deve viver, estabelecendo uma lei moral. Esta lei moral espelha a santa vontade de Deus que nos diz como devemos viver ou como devemos ser e o que devemos fazer ou deixar de fazer. Os mandamentos demonstram a preocupação de Deus com todos os aspectos da vida humana. Ele estabelece procedimentos éticos para uma vida comunitária pacífica, impõe regras para um bom relacionamento para com Ele e para com o próximo. Neles estão bem claros os padrões de respeito pela vida humana, a propriedade alheia, a palavra e ao pensamento.

Viver seguindo Sua lei é o que nos deixa melhor, mais felizes e satisfeitos. Dentre estes preceitos salta-nos a vista o oitavo mandamento: “Não furtarás” (Êx 20,15). Em abono da verdade, esse é um assunto comum da nossa sociedade. Nos jornais, nas rádios e nas Televisões lemos, ouvimos e assistimos diariamente actos imorais que transgridem essa norma e que nos tiram o sono. Diariamente tomamos conhecimento de roubos, desvios, superfaturamentos, e muitas vezes nós mesmos somos vítimas nas entradas dos bancos, nas multicaixas, nas praças, nas paragens de transportes públicos, nas ruas e até mesmo na nossa própria casa. Porém, nesse mandamento, Deus não proíbe somente o furo e o roubo, que as autoridades devem punir mas também nos proíbe de tomar injustamente qualquer coisa que não seja propriamente nossa. O apóstolo Paulo incentivava as pessoas a trabalhar e assim evitarem o roubo. Na cidade de Éfeso onde passou três anos de trabalho missionário sendo dois na escola de Tirano (At 18,3; 19,9-10 e 23-41) que certamente ficava próximo da Praça do Mercado, popularmente chamado de “Ágora” no centro da cidade de Éfeso, diz-nos que, neste período de tempo, depois de ensinar durante o dia e passar o tempo com os seus alunos, ele se ocupava em seu ofício de fazer tendas, no amanhecer e no entardecer.

Não surpreende, portanto, que ele diga na epístola aos Efésios: “Aquele que furtava, não fure mais; antes, trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha que repartir com o que tiver necessidade” (Ef 4,28). Em síntese, ele condena o furto e recomenda o trabalho diligente. Isso naturalmente nos leva a considerar os deveres requeridos no oitavo mandamento, do Breve Catecismo de Westminster, pergunta 74, isto é “a lícita obtenção e aumento das riquezas e do estado exterior, tanto nosso como do nosso próximo” (Pv. 22:1-4). Nós recebemos a oportunidade e o privilégio de trabalhar, a fim de encontrarmos satisfação e realização no trabalho, de modo que possamos lícitamente sustentar a nós mesmos e nossa família, assim como estar aptos a aliviar, de modo caridoso e generoso, as necessidades legítimas de outros. Desse modo, o nosso trabalho deve ser feito com diligência e alegria, pela percepção de que, em última instância, estamos servindo ao Senhor e Cristo (Cl 3,23-24). Paulo disse com franqueza aos crentes de Tessalônica: “Porque, quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto: que se alguém não quiser trabalhar, não coma também” (Ts 3,10). Ele falou isso como um mandamento, não uma sugestão (cf. Ts 3,10.12). Quando o final do dia chega, depois de havermos labutado com diligência e honestidade (e alegria) e colhido o fruto de nossos esforços, precisamos reconhecer que tudo o que temos vem da mão bondosa e graciosa de Deus.

Já no século 16, os reformadores haviam criado uma nova teologia sobre o trabalho mundano que segundo eles é um dever que beneficia o indivíduo e a sociedade. Na sua obra *A ética de Calvino quanto ao trabalho*, De Costa e Souza (2011, p. 181) escreve:

Por meio do trabalho, Deus confere ao homem a oportunidade de glorificá-Lo pela vocação que Ele lhe confere. É também a maneira que Deus usa para dar a esse mesmo homem o sustento necessário, não só para si, como para os seus, e também para que a sociedade seja por ele beneficiada. Entretanto, com o pecado, o homem se corrompeu e teve sua visão de Deus embaçada. Agora o homem não consegue mais vê-Lo como antes, no Jardim do Éden. O homem deturpou alguns conceitos estabelecidos por Deus, transformando aquilo que era virtude e bênção em castigo e maldição. Entre esses conceitos, está o trabalho.

Mais adiante Calvino (2006b, p. 194) recomendou que vivamos uma vida moderada, sem extravagâncias:

Aquele que prescreve que debes usar deste mundo como se dele não usasses, aniquila não apenas a intemperança da gula na comida e na bebida, a moderada indulgência na mesa, na moradia, na indumentária, a ambição, a soberba, a arrogância, o enfado, como também todo cuidado e predisposição que te afaste ou impeça do pensamento da vida celeste e do zelo de nutrir a alma.

Calvino nos ensina a viver com paciência e moderação, e a razão disso é que, se soubermos suportar a pobreza, não seremos soberbos na riqueza, se assim aprovar e Deus nos conceder.

Aqueles a quem os recursos são limitados e escassos saibam carecer deles pacientemente, para que não sejam atormentados por moderada cobiça. Aqueles que mantêm essa moderação têm progredido não modestamente na escola do Senhor. Pelo contrário, o que neste ponto nada tenha aproveitado, dificilmente poderá provar que é discípulo de Cristo. Ora, além do facto de que muitos outros vícios acompanham o desejo das coisas terrenas, aquele que suporta a penúria impacientemente, na abundância também quase sempre manifesta a enfermidade contrária. Quero dizer que aquele que se envergonha de veste modesta se vangloriará da luxuosa; aquele que não se contenta com uma ceia frugal se afligirá ante o desejo de uma refeição mais abundante; além disso, abusará desenfreadamente dessas suntuosidades, caso venha a apropriar-se delas; aquele que suportar relutantemente e de ânimo inconformado uma condição pobre e humilde, caso se cubra de honras, de modo nenhum deixará de ceder à arrogância (Calvino, 2006b, p. 194-195).

4. A Ética Bantu

Como muntu, ou “pessoa, ser humano” educado nos valores morais e éticos da minha cultura, não seria salutar discutir um assunto como este só olhando para o ocidente como se entre nós e na nossa cultura em particular fosse um tema desconhecido. UBUNTU é tido como filosofia, mas para mim, é tudo que representa a vida Bantu: Nele estão a filosofia e a ética. *Umuntu ngumuntu ngabantu* (“Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas”) é um provérbio dos Zulus que ilustra simultaneamente bem o espírito da filosofia e ética Ubuntu. Para os verdadeiros Bantu, sabem que esse provérbio zulu é dos Bantu no seu todo. Em Kikongo, por exemplo, dissemos: *ole antu, en’ mosi makininga* (uma pessoa sozinha é uma sombra e só será uma pessoa quando for duas”). É um princípio ético de UBUNTU expresso em um provérbio. Portanto, este típico modo de pensar e de agir está presente em todo território africano habitado pelos povos Bantu.

Ubuntu aponta para uma existência marcada pela convivência harmoniosa com o próximo. Dessa forma, o espírito que dá vida a essa filosofia traduz-se em respeito que se converte na valorização do humano (muntu) e da sua natureza (kimuntu). A semântica do termo KIMUNTU é: carácter humano, maneira de ser, de se comportar, de agir, de se manifestar que elevam a dignidade de ser humano. Para que o ser humano seja bem moldado, os bantu buscam a sua própria ética, moral e religião. Essas disciplinas não precisam de professores na escola nem de padres e pastores. Eles passam de uma geração para a outra de forma automática, pois fazem parte da nossa cultura.

Tratar-se-ia, nas palavras de Placide Tempels, de “uma filosofia sem filósofos” ou de John Mbiti de “uma religião sem misisonários”. Unbuntu é altruísmo, amor ao próximo e solidariedade. Ubuntu não significa que as pessoas não devam cuidar de si próprias. A principal questão é: você vai fazer isso de maneira a desenvolver a sua comunidade, permitindo que ela melhore?

Na comunidade Bantu, a ética faz parte do ser. Quer em casa quer no Kibanga ou Njango, as mães e os adultos tomam toda a paciência do mundo para nos inculcar os princípios éticos e morais por meio de canções, contos, fábulas e provérbios. Pessoas como eu, não aprenderam a noção do mal e do bem, do certo e do errado, do respeito à

pessoa e da propriedade alheia na escola. Essa é a missão dos progenitores, em primeiro lugar, e em segundo lugar, de toda a sociedade. Na sociedade bantu clássica todos os adultos são responsáveis pela educação das crianças. Dentro e fora do lar, a criança encontra os educadores, especialmente no Kibanga/ Njango. A missão é moldar um homem socialmente útil para todos os efeitos conforme nos ensina a Bíblia na segunda Epístola de S. Paulo à Timóteo 3,16-17:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e proveitosa para ministrar a verdade, para repreender o mal, para corrigir os erros e para ensinar a maneira certa de viver; a fim de que todo homem de Deus tenha capacidade e pleno preparo para realizar todas as boas acções. a fim de que todo homem de Deus tenha capacidade e pleno preparo para realizar todas as boas acções.

Tempels (2016, p. 95ss) afirma que os bantu têm a noção do bem e do mal. Trata-se da ética objectiva. O homem não é a norma última do seu acto. Nele não existe a justificação última das suas acções e omissões. O *muntu* (homem) sabe que existe uma força superior que transcende o seu livre arbítrio e essa força sabe, aprecia e julga o acto humano. Assim, querendo regular a conduta humana, os Bantu viram-se para os seus conceitos filosóficos e para a sua teodiceia, para retirar princípios e normas de bem e do mal.

A ética bantu é objectiva. Os Bantu (seres humanos, pessoas) vivem as normas do bem e do mal. Qualquer atropelo a essas normas, as pessoas demonstra que o erro é sentido e não sabido. Por outras palavras, os Bantu sabem que existe o bem e o mal mas o mal se manifesta mais no sentimento e do que no saber. As pessoas condenam, em princípio e com toda veemência da sua sabedoria vital indestrutível, a influência destrutiva do malfeitor. Tempels (2016, p. 97) reconhece que os Bantu rejeitam principalmente a mentira, o engano, o roubo e o adultério devido à sua maldade intrínseca. Do ponto de vista bantu são condenados vários usos e abusos que prejudicam o bem-estar social com base na Lei Natural formulada no Decálogo da sua cultura. A ética bantu, transmitida oralmente de geração em geração, ensina a respeitar a pessoa e o bem alheio.

Tempels reconhece que a base da consciência do bem e do mal liga-se à filosofia dos Bantu. A sua moral objectiva é ontológica, imanente e intrínseca. É nesta base que ele fundamenta:

A moral bantu assenta na essência das coisas compreendidas segundo a sua ontologia. O conhecimento de uma ordem natural necessária das forças faz parte da sabedoria dos primitivos. Podemos concluir que um acto, um uso será antes de tudo qualificado de ontologicamente bom pelos Bantu, e que será por isso avaliado como moralmente bom, e enfim, por via da dedução, que será apreciado como juridicamente justo.

Até aqui estamos a nos referir às normas do bem que, deveras, são paralelas às normas do mal. Mas Tempels (2016) observa que “qualquer acto, comportamento, atitude ou hábito humano que atente contra a força vital ou o crescimento e a hierarquia

do *`muntu'* sabe que igual destruição é antes de tudo, um sacrilégio ontológico. É por isso que é imoral e, por conseguinte, injusto” (p. 98).

Então alguém educação nos princípios éticos dos Bantu, certamente será posuido de temor dos seus ancestrais vivos e vivos mortos (John Mbiti) que estariam a observá-lo perante uma imoralidade que prejudica a comunidade. Uma voz di-lo-ia: NÃO É ASSIM NO ESPÍRITO DE UBUNTU. Lembra-te e cuida o que é de todos como seu e serás abençoado. O cumprimento das normas profissionais da ética bantu não requerem intervenção de polícias, o próprio muntu é polícia de si mesmo sob olhar atento da sociedade e dos antepassados que nos termos de John Mbiti são “mortos vivos” que velam pelo nosso bem estar.

Conclusão

O tema básico deste artigo é a Ética protestante Face a Corrupção em Angola. E a pergunta de conclusão é: Por que ética? para que saibas como convém andar na casa de Deus e por causa disso a sua classificação no Ranking mundial não é ainda o desejado embora haja sinais positivos.

A ética protestante é um conjunto de normas morais assentes na Bíblia que desde o século 16 ajudaram muitos países do mundo a mudar o curso da sua vida económica e social. O resultado deste apego aos princípios éticos bíblicos trouxe-lhes resultados animadores que hoje se orgulham e nós cobiçamos querendo ser como eles. São pequenos paraísos na terra apresentando um elevado Índice de Desenvolvimento Humano.

Se queremos crescer honestamente, coloquemos ao lado da lei de combate contra a corrupção e de mais éticas profissionais, a Ética Protestante. Isso não anula a laicidade do estado pelo contra reforçaria a credibilidade e a confiança doa cidadãos nas instituições do país e dos seus governantes e gestores.

A discussão sobre os valores éticos e morais Bantu reforçam a Ética Protestante, pois que, o objectivo da ética Bantu é o desenvolvimento de uma sociedade sã e honesta. O facto impressionante é a força moral dos seus códigos de conduta. Os Bantu respeitam as normas morais sem qualquer poder coercivo. E nesta discussão deu para dizer que vamos continuar a ser Bantu se queremos desenvolver o nosso país.

Referências Bibliográficas

1. Livros

De Palma, F. (2017). *O Preço de duas mãos limpas: um jovem contra a corrupção*, Maputo: Paulinas.

Heward-Mills, D. (2015). *Éticas ministeriais*, 2ª ed., Acra, Gana: Parchment House.

Mbiti, J. S. (1969/1990). *African religions and philosophy*. London: Heinemann

Mbiti, J. S. (1970). *Concepts of God in Africa*. London: SPCK.

Temples, P. (1946/2016). *A filosofia Bantu*. Trad.: Amélia Mingas e Zavoni Ntongo, Luanda: EAL Edições de Angola Lda.

Weber, M. (2007). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

2. Fontes Electrónicas

Das Neves Bodart, C. D. (2010). Tipo ideal de Max Weber. *Blog Café com Sociologia.com*. <https://cafecomsociologia.com/tipo-ideal-de-max-weber>

De Souza, D. (2017). A ética e a corrupção. *Revista PUCRS* [sem v., n. ou p.] <https://www.pucrs.br/revista/etica-e-corruptao/>

De Vasconcelos, F. A. (2017). Filosofia Ubuntu. *LOGEION, filosofia de Informação* 3(2), 100-112. <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/3841>